

António Nobre
Só

Índice

<i>Nota sobre o autor</i>	7
<i>Memória [aos Pais]</i>	9
<i>Memória</i>	11
ANTÓNIO	13
<i>António</i>	15
LUSITÂNIA NO BAIRRO LATINO	27
<i>Lusitânia no Bairro Latino</i>	29
ENTRE DOURO E MINHO	43
<i>Purinha</i>	45
<i>Canção da felicidade</i>	53
<i>Para as raparigas de Coimbra</i>	55
<i>Carta a Manuel</i>	59
<i>Saudade</i>	67
<i>Viagens na minha terra</i>	71
<i>Os figos pretos</i>	77
<i>Os sinos</i>	81
LUA CHEIA	85
<i>Da influência da Lua</i>	87
<i>D. Enguiço</i>	89
<i>O meu cachimbo</i>	93
<i>Balada do caixão</i>	97
<i>Febre vermelha</i>	99
<i>Poentes de França</i>	101

	<i>À toa</i>	105
	<i>Ao canto do lume</i>	109
LUA	QUARTO MINGUANTE	113
	<i>Os cavaleiros</i>	115
	<i>A vida</i>	119
	<i>Adeus!</i>	123
	<i>Ladainha</i>	129
	<i>Fala ao coração</i>	131
	<i>Menino e moço</i>	133
	<i>O sono do João</i>	135
	SONETOS	139
	ELEGIAS	159
	<i>A sombra</i>	161
	<i>Pobre tísica</i>	163
	<i>Santa Iria</i>	167
	<i>Enterro de Ofélia</i>	169
	<i>Na estrada da Beira</i>	171
	<i>Ca(ro) da(ta) ver(mibus)</i>	177
	<i>Certa velhinha</i>	183
	MALES DE ANTO	189
	<i>I – A ares numa aldeia</i>	191
	<i>II – Meses depois, num cemitério</i>	203

Nota sobre o autor

António Nobre nasceu no Porto, aos 16 de Agosto de 1867. Nesta cidade efectuou estudos primários e secundários, após o que frequentou a Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, entre 1888 e 1890. Magoado por dois desaires académicos, abalou para Paris, onde veria editado, em 1893, o *Só*, único livro que publicaria em vida. A partir da licenciatura em Ciências Políticas, na Sorbonne, em 1894, o itinerário biográfico do poeta constituirá um dolorosíssimo calvário, em luta com a tuberculose que o arrasta pela Suíça, pela ilha da Madeira e pelos Estados Unidos, à procura de uma saúde que não mais encontrará. Incapaz, a despeito de algumas tentativas, de prosseguir uma carreira profissional, Nobre realiza as suas viagens num cenário de instantes dificuldades financeiras, sustentado pelo magro dinheiro que a família lhe disponibiliza, e pelo carinho que sempre haverá de lhe testemunhar o irmão dilecto, Augusto, seu confidente e executor literário. Taxado de simbolista e de neogarrettiano, mais por necessidade de arrumo do que por verdadeira fidelidade a qualquer código, escapará António Nobre a todas as classificações, introduzindo na lírica portuguesa elementos inovadores importantíssimos, que dele irão fazer uma das

figuras cimeiras da nossa criatividade de oitocentos, mas que não deixarão de lhe atrair a animadversão dos críticos diplomados. Produto de uma certa classe média urbana, com um pé na pequena burguesia terratenente de Entre Douro e Minho, o autor de *Só* empreende, nos seus versos, uma recuperação do tempo perdido da infância e da adolescência, decorrida no espaço balnear de Leça da Palmeira e nos arredores de Penafiel. E é a imagem de um Portugal agrário, intocado pela Revolução Industrial, que sobretudo lhe atrai a nostálgica atenção, acidulada pela consciência do desgaste cosmopolita e pela premonição do *fnis patriae*, características de outros escritores da época. A complexa problemática amorosa, marcada por um narcisismo que se compraz na mostra de inúmeras namoradinhas, sempre à beira de uma fugaz redenção, ora encarnável na amizade ardente, como a que o ligou a Alberto de Oliveira, ora aspirante a um platonismo lustral, como no idílio que vive com Margarida de Lucena, configuram muito da área de expressão da poética nobriana. Adicione-se a isto a captação da imagem mitificadamente lunar de uma Coimbra boémia, o culto do anglicismo janota, a reverência dos mitos e dos ritos da Igreja Católica, a *hantise* da morte e do funéreo e o desvanecimento com a alacridade dos costumes populares, e ter-se-á esboçado um retrato susceptível de despertar mais alongada e mais profunda indagação. António Nobre morreu no Porto, aos 18 de Março de 1900.

Memória

*À minha mãe
Ao meu pai*

*Aquele que partiu no brigue Boa Nova
E na barca Oliveira, anos depois, voltou;
Aquele santo (que é velhinho e já corcova)
Uma vez, uma vez, linda menina amou:
Tempos depois, por uma certa lua nova,
Nasci eu... O velhinho ainda cá ficou,
Mas ela disse: – «Vou, ali adiante, à Cova,
António, e volto já...» – e ainda não voltou!
António é vosso. Tomai lá a vossa obra!
«Só» é o poeta-nato, o lua, o santo, o cobra!
Trouxe-o dum ventre: não fiz mais do que o escrever...
Lede-o e vereis surgir do poente havidas mágoas,
Como quem vê o Sol sumir-se, pelas águas,
E sobe aos alcantis para o tornar a ver!*

Memória

*Ora isto, Senhores, deu-se em Trás-os-Montes,
Em terras de Borba, com torres e pontes.
Português antigo, do tempo da guerra,
Levou-o o destino pra longe da terra.
Passaram os anos, a Borba voltou,
Que linda menina que, um dia, encontrou!
Que linhas fidalgas e que olhos castanhos,
E, um dia, na Igreja correram os banhos.
Mais tarde, debaixo dum signo mofino,
Pela lua-nova, nasceu um menino.
Ó mães dos Poetas! sorrindo em seu quarto,
Que são virgens antes e depois do parto!
Num berço de prata, dormia deitado,
Três moiras vieram dizer-lhe o seu fado
(E abria o menino seus olhos tão doces):
«Serás um Príncipe! mas antes... não fosses.»
Sucedo, no entanto, que o Outono veio
E, um dia, ela resolve ir dar um passeio.
Calçou as sandálias, toucou-se de flores,
Vestiu-se de Nossa Senhora das Dores:
«Vou ali adiante, à Cova, em berlinda,
António, e já volto...» E não voltou ainda!
Vai o Esposo, vendo que ela não voltava,
Vai lá ter com ela, por lá se quedava.*

*Ó homem egrégio! de estirpe divina,
De alma de bronze e coração de menina!
Em vão corri mundos, não vos encontrei
Por vales que fora, por eles voltei.
E assim se criou um anjo, o Diabo, o lua:
Ai corre o seu fado! a culpa não é sua!
Sempre é agradável ter um filho Virgílio,
Ouvi estes carmes que eu compus no exílio,
Ouvi-os vós todos, meus bons Portugueses!
Pelo cair das folhas, o melhor dos meses,
Mas, tende cautela, não vos faça mal...
Que é o livro mais triste que há em Portugal!*